

# O «PÚBLICO ENTENDIMENTO DA CIÊNCIA» NOS CONGRESSOS DA ASSOCIAÇÃO PARA O PROGRESSO DAS CIÊNCIAS: PORTUGAL E ESPANHA. ESTRATÉGIAS E REALIDADES INSTITUCIONAIS \*

Fátima Nunes

*Professora Associada do Departamento de História da Universidade de Évora*

## **Abstract**

*Both the Portuguese and the Spanish Scientific Societies elected in the 20<sup>th</sup> century the “Progress of Science” as their common goal. This shared objective can be demonstrated by the periodical organization of scientific meetings in several cities of the Iberian Peninsula.*

*The results of the researches achieved by the Portuguese and the Spanish scientific communities and presented to these congresses received the support of the two countries’ official authorities. However, the Iberian issue was never discussed; the joint meetings were always centred on the “national” activities of each scientific community.*

A recente historiografia espanhola consagrada à História da Ciência tem dado particular importância à caracterização dos comportamentos da comunidade científica espanhola durante o período de Franco e a forma como Ciência e Opinião Pública se relacionaram. Entre os objectos de estudo, para visualizar traços de «ciência para a pátria», destes novos problemas para os historiadores encontram-se os Congressos científicos, a participação da comunidade científica de um país e o grau de profissionalização da Ciência que se exhibe nestas manifestações organizadas de cultura científica.

Um dos traços comuns da organização científica peninsular foram os Congressos da Associação ‘Luso-Espanhola’ para o Progresso das Ciências que se realizaram em várias cidades de Portugal e de Espanha, ao longo do século XX até meados dos anos setenta. Pretende-se com este estudo abordar a formatação ideológica que a Ciência teve nas vivências culturais e políticas dos dois países, em nome de um *Progresso* da Ciência na Península Ibérica, no passado e no devir histórico...! Os Programas das sessões, os discursos, as imagens, a presença de traços de *história/memória* da Ciência peninsular nestes Congressos são áreas de trabalho de particular importância quando preten-

demos analisar as relações entre a comunidade científica, o poder e a opinião pública nos dois países, em realizações conjuntas, sob o alto patrocínio das “individualidades do Estado” em dois países considerados periféricos da produção científica internacional. Assim, será possível inserir este «estudo de caso» num dos eixos de referência das novas tendências de História da Ciência – o «público entendimento da ciência» por parte de uma comunidade científica face ao contexto em que se encontra inserida – práticas e imagens científicas detectadas.

## 1. CONGRESSOS PARA O PROGRESSO DAS CIÊNCIAS

A crescente tomada de importância da actividade científica em toda a Europa levou a que, em paralelo com as Exposições Internacionais e Universais, se realizassem encontros regulares da comunidade científica internacional, organizados por finalidades comuns. À medida que a profissionalização da Ciência (cada vez mais ligada ao desenvolvimento técnico) se ia impondo também os encontros científicos iam ganhando foros de crescente importância para a comunidade científica. Esta tinha rosto nos cientistas que trabalhavam em laboratórios, nos professores universitários, nos profissionais de várias unidades científicas do Estado; um grupo que regularmente se organizava e se reunia para discutir e apresentar balanços dos resultados alcançados.

Partindo da matriz das Academias científicas nacionais, os Congressos científicos internacionais foram ganhando um carácter de mundializarem e globalizarem a cultura científica, confrontando diferentes pontos de vista, alargando o conhecimento, sempre em busca de um modelo de perfectibilidade e de progresso no devir histórico das Nações e dos Povos. Estamos, de facto ainda na senda de um certo romantismo científico que pairou sobre a Europa e sobre os Estados Unidos até à I Guerra Mundial<sup>1</sup>.

Se os periódicos da cultura científica se preocupavam em divulgar e popularizar a ciência pelas camadas de população alfabetizada<sup>2</sup>, cabia aos Congressos especializados a transmissão endógena do conhecimento das Ciências. Com a proliferação destes eventos sociais, culturais (e também políticos) logo a comunidade científica se começou a organizar-se por Associações ou Sociedades referentes a fins científicos e técnicos comuns ou em colaboração com os Estados – Nações. Em todos os objectivos estava presente a sacralização da Ciência e a heroicidade do cientista, afinal os novos cavaleiros do *bem*, destronando o *mal* das trevas e da crença dogmática...!

É neste contexto de crescimento e de complexidade da rede das relações internacionais e científicas da Ciência, em prol de um «público entendimento da ciência»<sup>3</sup> que temos de inserir a apresentação dos Congressos luso-espanhóis das respectivas Associações para o Progresso das Ciências, num roteiro de cidades portuguesas e espanholas, ao longo dos dois terços do século XX,

contra ventos e marés, o que mesmo será dizer incólume a ressacas de guerra-civil ou a cenários de guerras mundiais, como o estudo monográfico e pioneiro de Elena Ausejo nos permite visualizar e partir para múltiplas investigações<sup>4</sup>.

## 2. 1917 – O NASCIMENTO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA O PROGRESSO DAS CIÊNCIAS

Um breve olhar pelo quadro que elaborámos a partir das informações de Elena Ausejo e por uma pesquisa na Biblioteca Nacional de Lisboa<sup>5</sup> deixemos algumas reflexões sobre o quadro elaborado e como ele nos permite gizar um guião de análise para o nosso tema.

ano	local	Associação ...	Actas/vols.
1908	Madrid	Associação Española	VIII vols.
1910	Madrid	Associação Española	IX vols.
1911	Granada	Associação Española	IX vols.
1913	Madrid	Associação Española	VIII vols.
1915	Valladolid	Associação Española	X vols.
1917	Sevilha	Associação Española	X vols.
1919	Bilbao	Associação Española	X vols.
1921	Porto	Associação Española/Portuguesa	IX vols.(ed. Madrid)
1923	Salamanca	Associação Española/Portuguesa	X vols.
1925	Coimbra	Associação Española/Portuguesa	X vols.(ed. Madrid)
1927	Cadiz	Associação Española/Portuguesa	X vols.
1929	Barcelona	Associação Española/Portuguesa	X vols.
1932	Lisboa	Associação Española/Portuguesa	3 vols. (ed. Madrid)
1934	S.Tiago Compostela	Associação Española	I vols.
1938	Santander	Associação Española	
1939	Saragoça	Associação Española	
1942	Porto	Associação Española/Portuguesa	(ed. Porto)
1944	Cordova	Associação Española	
1946	San Sebastian	Associação Española	
1950	Lisboa	Associação Española/Portuguesa	X vols. (ed. Porto)
1951	Malaga	Associação Española	
1953	Oviedo	Associação Española	
1956	Coimbra	Associação Española/Portuguesa	(ed. Coimbra)
1958	Madrid	Associação Española/Portuguesa	(ed. Madrid)
1962	Porto	Associação Española/Portuguesa	(ed. Porto)
1970	Lisboa	Associação Española/Portuguesa	(ed. Lisboa)

Na transição para a República a comunidade científica portuguesa percebe que tem um papel cultural e ideológico a desempenhar. A legitimidade vinda do conhecimento e da prática da Ciência conferiu respeitabilidade e ofereceu segurança para governar os «povos» e caldear a sua imagem pelos mecanismos da sociabilidade científica. Neste contexto funda-se em Portugal, em 1917, sob o impulso do matemático Francisco Gomes Teixeira e do Professor

Costa Lobo a Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. Gomes Teixeira <sup>6</sup>, que já havia participado nos trabalhos de Sevilha e nos de Bilbao, é eleito presidente. De acordo com o discurso de Pedro José Cunha <sup>7</sup>, em 1942, foi no Congresso de Bilbao que se decidiu que, uma vez criada a Associação Portuguesa, faria sentido organizarem-se os Congressos em conjunto, com a dupla designação das Associações Portuguesa e Espanhola (refutando pois qualquer conotação com iberismo ou associação/sociedade ibérica), procurando promover e incentivar o encontro de duas comunidades científicas de dois Estados, de dois países historicamente diferenciados, geograficamente encaixados entre os Pirinéus e o Atlântico.

Em 1921 (o primeiro de realização conjunta) Pedro José da Cunha, na sessão inaugural do Congresso fez sentir que “os intelectuais de um mesmo país, como também os das nações que tivessem entre si maior número de actividades e de interesses comuns, acentuei a conveniência e grande interesse do Congresso [...] e a razão de ser e utilidade fecunda e afectuosa colaboração que se procurava entre os homens de ciência das duas nações peninsulares”<sup>8</sup>: Propósitos lembrados no Porto, em 1942, quando da realização de mais um Congresso, exactamente a meio da “a mais tremenda guerra de que reza a História”<sup>9</sup>.

Verificamos que o Congresso de 1942 funcionou como o *leit-motiv* para efectuar um balanço de memória dos Congressos realizados, retirando o provento ideológico e político para Espanha e para Portugal no contexto do decorrer da II Guerra Mundial. A Associação Portuguesa e a Espanhola serviam para cimentar os pontos comuns de duas nações amigas e vizinhas que se encontravam a olhar a guerra como espectadores algo comprometidos, mas distanciados do palco bélico das destruições. Os encontros em Congressos, sobretudo na paz existente no Porto, permitia também exaltar o passado histórico, os descobrimentos e a expansão de Portugal e de Espanha<sup>10</sup> para os «Novos Mundos».

Uma incursão rápida pelos programas dos Congressos verificamos encontrar paralelismo entre o decorrer destes acontecimentos de sociabilidade científica e alguns dos travejamentos maiores da História da Ciência em Portugal no século XX<sup>11</sup>. Se o ponto de partida foi a figura de prestígio internacional do matemático Gomes Teixeira<sup>12</sup> várias outras matizes existiram, como o III Congresso Internacional de História das Ciências realizado em 1934, no Porto, em Coimbra e em Lisboa<sup>13</sup>, a criação do Grupo Português para a História da Ciência, cujo principal órgão era a revista *Petrus Nonius*<sup>14</sup>. Mas estas vivências portuguesas iam para além da marca dos Pirinéus. Ligações muito estreitas ao contexto italiano de Aldo Míeli e da sua revista *Archeion* combinando com a Espanha o fulgor das Descobertas.

Nos Congressos das Associações para o Progresso das Ciências temos a combinação quase natural entre o Progresso das Ciências, numa matriz ética e ideologicamente apontada para o enaltecimento da «Civilização Cristã–católica» a par da utilização da memória civilizacional e da memória do Progresso

das Ciências em Portugal e em Espanha. No entanto, a noção de História não era da França dos anos trinta. Afastava-se o tempo das proximidades das revoluções (científicas ou outras), ignoravam-se as inovações de Marc Bloch e de Lucien Febvre; enraizava-se na história política positivista e no nacionalismo historiográfico<sup>15</sup>, também aplicada à prova evidente do ritmo do Progresso da Ciência nos dois Estados da Península Ibérica. Tal como em Portugal, e em Espanha, a historiografia, a desenvolver nos anos vindouros, centrava-se nos Descobrimentos, nas reconquistas, na evangelização fora da Europa ... mitos caros e fortes do imaginário da *pátria*, da herança nacionalista da ideologia republicana em terras peninsulares<sup>16</sup>.

### 3. O PAPEL DA HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS NOS CONGRESSOS

A utilização da palavra PROGRESSO como elemento identificador das Associações e dos Congressos Luso-Espanhóis comportava uma imagem de memória, de tempo histórico como intermediário de um tempo de devir, ou seja de construção do futuro, assente no progresso ‘controlado’ das Ciências. É, pois, deveras interessante percebermos que cada Congresso possuía uma parte de construção social da memória do próprio movimento de sociabilidade científica. Fossem os oradores das sessões inaugurais, fossem os discurso dos representantes dos Estados – Salazar e Franco – sempre o passado comum, mas historicamente diferenciado, unido por uma *ideia* de afinidade ideológica e cultural de Progresso pairava sobre as cabeças dos congressistas<sup>17</sup>.

Por razões já apontadas o Congresso do Porto de 1942 teve um impacto muito grande nas duas Associações. Pedro José da Cunha, no discurso inaugural, não se poupou a esforços para historiar e apresentar o grande evento, tendo como objectivo atingir a radio e os jornais que cobriam o acontecimento para os dois países: pareceu-lhe ser o momento ideal para traçar uma das imagens do ‘progresso’ em Portugal por antinomia com a Europa... Em nosso entender, o timbre cromático do discurso organizado é muito elucidativo do pensar oficial:

“Todas as nações têm os olhos postos neste cantinho da Europa, e registam com o merecido relevo [...] as repetidas manifestações de apreço e solidariedade de que, em várias emergências, têm sido alvo Sua Excelência o Presidente da Republica e o Chefe do Governo Português, Sr. Doutor Oliveira Salazar [...] Ora, se depois da referência ao Congresso de 1921 me alarguei nesta evocação de factos, bem conhecidos de todos nós, foi porque me pareceu conveniente frisar o abismo que separa o mundo de então e o mundo de hoje, e o quanto mudou, de então para cá, a situação de Portugal perante os outros povos”<sup>18</sup>.

Estava colocada a parceria de interesses e glosado os motivos oficiais da realização e da cobertura do Congresso. Mais à frente, Pedro José da Cunha continua a sua missão de historiar. “Pareceu-me também interessante aproxi-

mar os dois Congressos realizados nesta mesma cidade, porque, se o de 1921 foi o primeiro que a Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências promoveu depois que se constituiu, este, de 1942, é o primeiro que convoca depois da sua reorganização...”<sup>19</sup>. Mas não bastava traçar os efeitos fecundos e muito proveitosos dos dois países ao terem-se associado para implementar e promover o ‘Progresso’ das Ciências. Era necessário ir buscar ao passado a força legitimadora do discurso e das ideias mestras a proferir de modo a deixar sementes para próximas realizações. Diz-nos anda o orador:

“Traço comum é o de em ambos os Congressos [Porto 1921 e 1942] [...] ter tido a Associação Portuguesa o valorosíssimo concurso da sua congénere Espanhola [...] Registo o facto com tanto maior satisfação quanto é certo que, além do que representa em si mesmo, é um testemunho eloquente do estreitamento de relações que, sob múltiplos aspectos, se está verificando entre Portugal e a sua vizinha Espanha”<sup>20</sup>.

Uma retórica transformada, decerto, em audível oratória de circunstância, para representantes diplomáticos dos dois Estados. Pelo Progresso das Ciências em Portugal e em Espanha podiam também passar alguns dos mecanismos da linguagem e da simbologia ritualizadas das relações internacionais entre os dois países. Lembremos que à Faculdade de Ciências de Lisboa afluíram alguns professores de Física espanhóis, nas décadas de trinta e quarenta do século XX, certamente uma outra forma de estreitar as ligações científicas a nível das instituições<sup>21</sup>.

O toque final deste longo preâmbulo de discurso inaugural surge quando Pedro José da Cunha acentuou que no Congresso de 1921 o “eminente académico D. Jerónimo Becker [...] na sessão de ciências históricas e filosóficas, a que deu o título de *El paralelismo de dos Historias* e o subtítulo de *La colaboración hispano-portuguesa*”<sup>22</sup> havia mostrado perante a audiência o interesse das ligações luso-espanholas. O mesmo já Ricardo Jorge e Francisco Gomes Teixeira haviam efectuado em prol das evidências históricas que uniam as duas pátrias em nome dos Progressos das Ciências<sup>23</sup>. O Ministro da Educação de Portugal – Mário de Figueiredo<sup>24</sup> – retomou esta ideias de Progresso das Ciências para a Península Ibérica, deixando claro a matriz do Cristianismo dado que o Progresso podia ter um sentido equívoco - havia, pois, que o esclarecer. No seu discurso inaugural para os cientistas peninsulares afirmou:

“Não somos pelo cientismo nem pelo progresso indefinido; reconhecemos todo o valor da ciência e somos pelo progresso orientado para um fim. Na matéria não pode colher-se a noção de lei e por um fim. Na matéria não pode colher-se a noção de lei final nem portanto, a ideia de direcção; vamos buscá-la fora da matéria para nos alumiar o caminho [...]”<sup>25</sup>.

A missão do Progresso científico tinha um cariz específico para os países peninsulares, para além das solidariedade e das necessidades científicas. “Portugal e Espanha têm a mesma disciplina cristã a impregnar-lhes as instituições. Portugal pode restituir-se a ela sem passar por grandes convulsões; a Espanha teve de se rasgar a própria carne para conseguir reimplantá-la. Ela

sabe que não foi com indiferença, mas com amigo estremecimento, que assistimos ao desenrolar da tragédia. Reintegramo-nos ambos na linha tradicional da nossa história. Cada um escreveu a sua e quer continuar a escrevê-las [...] Que o sentido da colaboração sob o qual as escrevemos e que este Congresso mais uma vez marca, abraça todas as formas de actividade e nunca mais se perca, são os meus votos”<sup>26</sup>.

O carácter oficial desta «irmandade científica» celebrou-se em 1958 quando se comemoraram os 50 anos da Associação Espanhola para o Progresso da Ciência<sup>27</sup>. Em Madrid, nesse ano, teve lugar mais um encontro cujas Actas se iniciam pela transcrição de um Decreto do Ministério da Educação Espanhol, assinado por Franco, no sentido de o **L Aniversario** ser marcado com honras de história e memória. Determinava-se que o Congresso deveria decorrer sob o desígnio de *comemorações oficiais*, sob o directo do patrocínio do Chefe do Estado e dos Ministros do Assuntos Externos, da Educação Nacional, das Obras Públicas, da Informação e Turismo; determinava-se igualmente que, em paralelo ao desenrolar das várias sessões, a organização de uma Exposição elucidativa do progresso científico e industrial da «nuestra Patria» nos últimos cinquenta anos. Material que recentemente foi utilizado para uma mostra de investigação em História da Ciência do Consejo Superior de Investigaciones Científicas de Madrid sobre ‘Imagens da Ciência na Espanha Contemporânea’<sup>28</sup>.

O Colóquio de 1950, de grandes efeitos comemorativos para Espanha, tendo Portugal como convidado de roteiro, teve uma enorme celebração de construção de memória da Associação Espanhola. Foram recordados os nomes ligados às várias direcções da Associação, estabelecendo-se igualmente um breve amostra descritiva dos vinte e quatro Congressos realizados desde 1909 até ao ano de 1950. Quer dizer, para o estudo das relações científicas dos dois países peninsulares e para obter uma imagem da ciência e do Progresso protagonizado pela comunidade científica inserida no perfil de Estado de Salazar ou Franco (a partir da década de trinta) esta publicação é de uma extrema utilidade. As comunicações oficiais proferidas eram vivos ecos do ambiente político que se vivia na época vivido; registe-se como exemplo o facto de Silva Cunha<sup>29</sup> ter dissertado sobre «África na actual conjectura internacional».

Em todos os Congressos a noção de *Ciência* era bastante alargada, incluindo-se as Ciências Filosóficas e as Teológicas, áreas sensíveis para detectarmos a textura de **Progresso das Ciências** em termos peninsulares. Vimos já como nos discursos inaugurais a noção ética de Progresso estava eivado de primados culturais instrumentalizados ideologicamente. Se nos detivermos na produção das «Ciências do Espírito» (desde a Teologia, à Filosofia, à História, passando por aspectos de identidade nacionalista da Etnografia)<sup>30</sup> verificamos, como a nível dos dois Estados Peninsulares, também se gizavam planos de orientação de «progresso» em paralelo, o que não significava que se encontrassem em algum momento dos cruzamentos da História Peninsular. Portugal e Espanha tinham Histórias diferenciadas, rivais e opostas na imensidão da

Meseta Ibérica. Mas a metodologia para estudar o passado, de usar a memória existente, de giz o ensino universitário da História e a sua investigação científica nos Arquivos Nacionais obedecia a um mesmo caldo cultural de orientações oficiais que convinhavam aos Ministérios da Educação Nacional e dos Negócios Estrangeiros. Estes encontros fraternos da comunidade científica não significavam qualquer via para amalgamar num mesmo plano da História as duas identidades pensinsulares.

No XX Congresso da Associação Espanhola para o Progresso das Ciências e no Quinto da Associação Portuguesa, realizado em Lisboa, 1950 (X volumes de Actas) o tomo VII dedicado às Ciências Filosóficas e Teológicas contém um material precioso para entendermos as ambiguidades de *História*, de *Progresso* e de *Ciências* nos dois Estados da Península Ibérica.... nunca do Iberismo, palavra forte e perigosa para as missões geo-estratégicas na Europa de além do Pirinéus, após o desfecho da II Guerra Mundial. Joaquim de Carvalho apresentou uma comunicação sobre “Problemática da Saudade”<sup>31</sup> nela tecendo considerações várias sobre este “sentimento que afecta os portugueses”. No final da comunicação, centrada em fontes históricas que permitiam detectar a saudade na sociedade portuguesa, o Autor apresentou o seguinte corolário conclusivo:

“A vida histórica de uns e outros [Portugueses e Espanhóis] assim como as particularidades dos seus génios nativos encerram temas e problemas a um tempo de significação nacional e universal e o que instantaneamente aguarda quem lhe desvende o potencial de *filosofemas* com coerência lógica e consistência doutrinal”<sup>32</sup>.

Devemos também salientar, no Congresso deste mesmo ano e na mesma secção, a comunicação de António Alberto Banha de Andrade – *Manuel de Azevedo Fortes, primeiro sequaz, por escrito, das teses fundamentais cartesianas em Portugal*<sup>33</sup>, abrindo o percurso de investigação centrada na figura de Azevedo Fortes, Engenheiro Mor do Reino de D. João V. “Quando o Engenheiro Manuel de Azevedo Fortes publicou, em Lisboa, a *Lógica Racional, Geométrica e Analítica* [...] Estava-se em 1744, dois anos antes de surgir, **furioso**, o *Verdadeiro Método de Estudar* a **vergastar** o ensino tradicional, e vinte e oito anos antes de se imprimirem os novos Estatutos da Universidade de Coimbra, em que a Filosofia Escolástica foi solenemente «abolida e desterrada», «não só da Universidade mas de todas as Escolas públicas e particulares, seculares e regulares», do **Continente e Ultramar**”<sup>34</sup>.

Ponto de partida para a dissecação do itinerário biográfico e da *Lógica Racional* de Azevedo Fortes, texto pleno de erudição referente ao panorama de Filosofia da sociedade portuguesa de setecentos com ligação explicativas à França seiscentista de Descartes.... Pretendemos igualmente chamar a atenção para o início da comunicação, imaginando a tonalidade de voz, e de gestos, para ler o princípio da declaração científica, em sala de pose de ritual académico celebrizado por autoridades oficiais dos dois Estados. Foi nesse cenário que António Alberto de Andrade (ou António A. Banha de Andrade como

também foi conhecido nos meios historiográficos) venceu o trabalho que Azevedo Fortes teve na Academia de História «para dar execução a fábrica das Cartas geográficas de que fui encarregado»<sup>35</sup>.

Na noção de espaço «ultramarino» por onde passaria a saudade decerto, cabia também o ideário de Progresso das Ciências no campo das Ciências Filosóficas em Portugal, por antinomia com Espanha. De um lado, **Pedro Hispano** e **Manuel Azevedo Fortes**, de outro **Miguel Cervantes** e **P. Suarez** cada um comportando simbologias nacionais próprias e de carácter idiossincrático<sup>36</sup>.

#### 4. RITUAIS DE SOCIABILIDADE CIENTÍFICA VS. RITUAIS DE PODER

O desenrolar dos Congressos efectuava-se sob o signo de conjunto de rituais de sociabilidade e de cunho científico. Olhando as fotografias que constam das Actas (muitas delas divulgadas na imprensa diária que sempre cobria oficialmente estes acontecimentos peninsulares) verificamos que a simples apresentação de comunicação era um acto público repleto de simbologia académica<sup>37</sup>. Em sala de uma Universidade, os participantes do Congresso arrumavam-se de acordo com o papel que representavam. Na mesa, os dignatários oficiais para os discursos inaugurais acompanhados dos comunicante previstos para a sessão de abertura. Diríamos que em tudo era igual ao mimetismo dos Colóquios e Congressos a que todos nós nos habituámos ao longo da vida, excepto pelo rigor do traje envergado – o traje académico completo, emparceirando com as personalidades de comendas e ordens honoríficas, deixando num plano totalmente secundário os arranjos de flores colocadas modestamente sobre a mesa..... O brilho das sessões viria também da oratória utilizada para discorrer sobre os temas do Progresso das Ciências e da esmagadora magnificência do poder académico como entidade científica.

Assegurada a vertente de visibilidade das Ciências, interessava igualmente marcar a realização dos eventos como sociabilidade mundana – as recepções oferecidas pelos Ministros dos Negócios Estrangeiros, os jantares de gala, os discursos de Presidentes de Câmara das cidades acolhedoras ou as excursões organizadas a locais estratégicos de identificação nacional. As fotografias que encontramos referentes a estas festas do «progresso das ciências» conduzem-nos para o mundo das representações sociais desde a fotografia de grupo à captação da imagem da *esposa de ...* em vestido de passeio, ou de noite (conforme a circunstância), ornamentados por chapéus engenhosos e caprichosos. A cimentar estes eventos encontravam-se a Comissão de Honra e as Direcções das Associações com os respectivos Presidentes, o Vice-Presidente, o Secretario Geral e os Vogais<sup>38</sup>. Na primeira encontramos altos dignatários, como o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Ministro do Ultramar, Ministro da Educação, Secretário de Estado de Informação e Turismo, embaixador de

Espanha em Portugal, Embaixador de Portugal em Espanha, Junta de Educação Nacional, Presidente do Instituto de Alta Cultura, Presidente da Câmara de Lisboa, Reitor da Universidade Técnica, Presidente da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Academia Portuguesa da História.

Em termos de eficácia, estes rituais de sociabilidade científica deixavam algumas marcas e possibilitariam, decerto alguns acertos diplomáticos que não se poderiam forjar em território de relações internacionais institucionalizadas. Se a comunidade científica podia usufruir de contactos científicos, de trocas de experiências e de percursos de investigação, ou de atalhos para a ausência de investigação em alguns domínios universitários, também a história das relações de Portugal e de Espanha ao longo do século XX passou, inevitavelmente, pelo viés das comunidades científicas existentes<sup>39</sup> e das suas configurações sociais, culturais e políticas.

## CONCLUSÕES EM ABERTO

O que pretendemos explorar ao longo deste texto prende-se, fundamentalmente, com as orientações de investigação que temos vindo a desenvolver nos últimos quinze anos – as relações da comunidade científica portuguesa com a História da Cultura em Portugal, na senda do inolvidável *Portugal e a Cultura Europeia* (1953), de José Sebastião da Silva Dias. Procurámos investigar os temas de cultura científica em Portugal na óptica de novas perspectivas de pesquisa e de análise transdisciplinar da revista internacional *Science in Context*. Assim, entendemos que o convite que nos foi endereçado foi um excelente pretexto para mais um caminho exploratório, de modo a encontrar laços de afinidade no que temos vindo a investigar e a reflectir sobre a História da Ciência em Portugal no século XX. Não temos para oferecer nem conclusões retumbantes, nem opções interpretativas definitivas. Antes preferimos apresentar um breve balanço provisório, um conjunto de corolários de ideias gizadas, válidas para um terreno onde se começou a investir e a efectuar uma arqueologia de temas, ideias, instituições e personalidades que fizeram parte integrante da sociedade portuguesa que atravessou o intervalo de tempo 1900-1970!

### I – Uma proposta de ciclos:

1. De 1921 aos anos trinta: as duas conjunturas peninsulares aproximaram os destinos e os discursos ideológicos, formataram a comunidade científica no sentido em que os cientistas tinham de estar ao serviço da «*boa ciência e do bom progresso*»;
2. As décadas de trinta, quarenta e cinquenta (a vivência da Segunda Guerra Mundial até 1958 – clímax do nacionalismo, do não europeísmo, de uma atlantização, em direcção à América Latina, em direcção a África. A cada país as suas colónias e impérios possíveis, exactamente em nome do Progresso das Ciências.

3. Os anos sessenta e setenta – os efeitos do crescimento da comunidade científica e dos novos ventos trazidos pelos bolseiros portugueses e espanhóis que obtiveram o seu doutoramento em Universidades europeias ou dos Estados Unidos; em Portugal com o apoio do Instituto de Alta Cultura e da Fundação Calouste Gulbenkian; em Espanha com o apoio da Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas. Neste contexto, o perfil da comunidade científica alterou-se e os Congressos passaram também a ter como pontos a assinalar o desenvolvimento técnico e económico

**II** – A clara noção de que é necessário encetar a realização de estudos comparados e comparativistas para Portugal e para Espanha a fim de verificar se as relações das comunidades científicas portuguesas e espanholas ficavam confinadas apenas ao que política e ideologicamente se chamou de *salazarismo* e *franquismo* ou se, na prática científica, os diferentes membros da comunidade se internacionalizaram, ou souberam ultrapassar o limes ideológico das Sociedades (nacionais) para o Progresso das Ciências ... e dos seus Congressos peninsulares, nunca Congressos ibéricos! Mantinha-se oficialmente que de Espanha «nem bom vento nem bom casamento...». E em Espanha... os olhos estavam na América Latina e no seu empório de milhões de falantes de castelhano, um capital intelectual que Espanha sempre soube valorizar e potencializar.

**III** – As imagens da ciência em Portugal: como se comportava a nossa comunidade científica face à espanhola? Estratégias e desenvolvimentos científicos semelhantes ou diferenças de assimetria muito grandes de dois países que se desenvolveram em ritmos económicos muito diferenciados, decorrente de processos históricos igualmente diferenciados... Nos anos oitenta o encontro de Portugal e de Espanha fez-se pela matriz da **Democracia**, ambos os países concertados no plano cultural e político da Europa comunitária. E a História da Ciência em Portugal e em Espanha quando, e onde, é possível cruzarem-se? Pelo menos marcarem um encontro de diálogo e de investigação em conjunto, apesar das diferenças, apesar dos desequilíbrios existentes, em favor de Espanha! Várias interrogações e domínios de investigação que ficam por agora em aberto.

## NOTAS

\* Trabalho inserido no **Projecto Praxis XXI – Fontes para a História da Ciência em Portugal- séculos XVII-XX**, financiado pela Fundação da Ciência e Tecnologia.

1 Cfr. Giorgio Cosmacini, “El médico”, *El Hombre Romántico* (dir. F. Furet), Madrid, Alianza Ed., 1997; pp. 175-210.

2 Cfr. Bernardette Bensaude-Vincent / Anne Rasnussen, *La science populaire dans la presse et l'édition XIX et XX siècles*, Paris, CNRS histoire, 1997.

- 3 Cfr. Roger Cooter / Stephen Pumfrey, "Separate spheres and public places: reflections on the history of science popularization and science in popular culture", *History of Science*, vol. 32, nº 97, Set. 1994.; pp. 237-267.
- 4 Cfr. Elena Ausejo, *Por la ciencia y por la patria: la institucionalización científica en España en el primer tercio del siglo XX. La Asociación Española para el Progreso de las Ciencias*, Madrid, siglo XXI, 1993.
- 5 A pesquisa das Actas dos Congressos da Associação Portuguesa e Espanhola para o Progresso das Ciências não se revelou fácil na Biblioteca Nacional, local para onde nos dirigimos esperançados na obrigatoriedade do depósito legal. No entanto, após uma semana de cruzamento de informações e de muitas miscelâneas revolvidas consideramos que a pesquisa do material para estes Congressos e para um detalhado conhecimento da Associação Portuguesa tem de passar por Bibliotecas e Arquivos especializados. Quer dizer, o material a procurar estará nas bibliotecas de instituições que enviaram ao longo das décadas representantes aos Congressos.
- 6 Para a contextualização do ambiente de cultura científica em Portugal cfr. Augusto Fitas, Marcial Rodrigues, Maria de Fátima Nunes, "A filosofia da ciência no Portugal do século XIX", *História do Pensamento Filosófico Português* (direcção Pedro Calafate), vol. V, tomo II, Lisboa, Ed. Caminho, 2000; pp. 421-582.
- 7 Cfr. Pedro José Cunha, *Discurso na sessão inaugural do Congresso-Luso-Espanhol do Porto, em 18 de Junho de 1942*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1943, pp. 5-10
- 8 *Idem, ibidem*, p. 6.
- 9 *Idem, ibidem*, p. 6.
- 10 Para algumas perspectivas de análise entre Ciência e Ideologia cfr. *Ciencia y fascismo* (Ed. Rafael Hertas y Carmen Ortiz), Madrid, Doce Calles, 1998.
- 11 Cfr. Maria de Fátima Nunes *et al*, *ob. cit.* especialmente a referente à História da Ciência em Portugal, pp. 541-582.
- 12 Cfr. Teixeira, Francisco Gomes, *Dicionário de História de Portugal – suplemento* (coordenação António Barreto / Filomena Mónica), vol. IX, Porto, Figueirinhas, 2000; pp. 502-503.
- 13 Veja-se Fátima Nunes, "O III Congresso Internacional de História das Ciências – 1934: Porto – Coimbra – Lisboa. Um desencontro historiográfico?", *Livro de Resumos do I Congresso Luso-Brasileiro de História da Ciência e da Técnica Évora – Aveiro*, Universidade de Évora Ed. , 2000; pp. 167-168.
- 14 Cfr. *Petrus Nonius – Anuario*, 1937 e Petrus Nonius, *publicação do Grupo Português da História das Ciências*, 1937-38.
- 15 Cfr. *Nacionalismo e Historia* (Ed. Carlos Focadell), Zaragoza, Institución «Fernando el Católico», 1998.
- 16 Cfr. Sérgio Campos Matos, *Historiografia e memória nacional 1846-1898*; Lisboa, Colibri Ed., 1998.
- 17 Por exemplo no Congresso de 1962 existia uma secção para Geografia, História e Arqueologia nas quais as comunicações visavam colocar frente a frente a forma de ensinar e aprender História nos dois países.
- 18 Pedro José Gomes, *ob. cit.*, p. 8-9.
- 19 *Idem, ibidem*, p. 9.
- 20 *Idem, ibidem*, p. 9.
- 21 Deste grupo destacamos Miguel Catalán, cfr. José Manuel Sánchez Ron, *Miguel Catalán su obra y su mundo*, Madrid, CSIC, 1997.
- 22 Pedro José da Cunha, *ob. cit.*, p. 10.
- 23 Refere-se Pedro José da Cunha à comunicação de Gomes Teixeira sobre «Colaboração de espanhóis portugueses nas grandes navegações dos séculos XV e XVI» e à de Ricardo Jorge «Intercâmbio de Portugal e de Espanha no passado e no futuro».

- 24 Cfr. Figueiredo, Mário, *Dicionário de História de Portugal – suplemento*, vol. VIII, pp. 34-35.
- 25 Mário de Figueiredo, *Discurso na sessão inaugural do Congresso Luso-Espanhol, do Porto, em 18 de Julho de 1942*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1943, p. 6.
- 26 *Idem, ibidem*, pp. 6-7.
- 27 Cfr. *Asociacion Española para el Progreso de las Ciencias. Bodas de oro –1908-1958. XXIV Congreso Luso-Español para el Progreso de las Ciencias, 14-20 Noviembre 1958*, Madrid, Tip. Garcia Morato, 1958.
- 28 Cfr. Antonio Lafuente y Tiago Saraiva, “La buena nueva de la ciencia” e Leoncio López-Ócon Cabrera, “La formación de un espacio público para la ciencia y la tecnología en el tránsito entre dos repúblicas”, *Imágenes de la ciencia en la España contemporánea*, Madrid, Fundación Arte y Tecnología, 1998, pp. 16-26 e pp. 28-40.
- 29 Cfr. Cunha, Joaquim Moreira da Silva, *Dicionário de História de Portugal – suplemento*, vol. VII, pp. 477-478.
- 30 É importante marcar que as Humanidades estão circunscritas a esta parcela de saberes do Espírito, a que podemos juntar a Etnografia e a Religião; arredados deste Congresso de Progreso das Ciências encontravam-se os novos ventos das Ciências Sociais, com a Sociologia, por exemplo. Cfr. Sociologia, *Dicionário de Historia de Portugal – suplemento*, vol. IX, pp. 466-468.
- 31 Joaquim de Carvalho, “A problemática da saudade”, *Associação Portuguesa para o Progreso das Ciências, tomo VII – 6ª secção – ciências teológicas e filosóficas*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1951, pp. 229-237.
- 32 *Idem, ibidem*, p. 237.
- 33 António Alberto de Andrade, “Manuel de Azevedo Fortes, primeiro sequaz, por escrito, das teses fundamentais cartesianas em Portugal”, *Associação Portuguesa para o Progreso das Ciências, tomo VII – 6ª secção – ciências teológicas e filosóficas*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1951, pp. 251-286.
- 34 *Idem, ibidem*, p. 251 (sublinhado nosso).
- 35 Cfr. *Idem, ibidem*, p. 261
- 36 Cfr. Francico Ellias de Tejada, “Bases filosóficas del pensamiento político de Miguel Cervantes”; José Hellin Lasheras, “Sobre la raíz de la limitación del ser según el P. Suarez”; Domingos Maurício Gomes dos Santos, “Portugal na história da metodologia das ciências filosóficas e teológicas – Pedro Hispano e Cristovão Gil”, *Associação Portuguesa para o Progreso das Ciências, tomo VII – 6ª secção – ciências teológicas e filosóficas*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1951.
- 37 Cfr. Luís Reis Torgal, «Quid Petis? Os “Doutoramentos” na Universidade de Coimbra», *Revista de História das Ideias, nº 15 - Rituais e Cerimónias*, 1993, pp. 177-316.
- 38 Seguiremos, neste exemplo de exercício exploratório, o *XXIX Congresso Luso-Espanhol*, Lisboa, 1970.
- 39 Estamos a seguir a designação de comunidade científica de acordo com Maria Eduarda Gonçalves (org.), *Cultura científica e participação pública*, Oeiras, Celta Ed. 2000.